

**AS CLASSES POPULARES
E AS DURAS CAVALGADAS DA VIDA
UMA LEITURA DE VIDAS SECAS,
DE GRACILIANO RAMOS**

Ilma da Silva Rebello (UFF)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na ânsia de captar a complexidade do mundo e expressá-la, surgem obras que não mais se confinam na idéia de romance enquanto reproduzidor dos ideais da classe dominante.

Sabe-se que as classes populares sempre estiveram presentes ao longo do percurso de nossa literatura, com uma participação quase sempre secundária. Todavia, com a evolução capitalista e a divisão do trabalho começa a emergir outro tipo de personagem no cenário: o operariado. Assim, muda-se a perspectiva da obra literária e as pessoas simples e comuns ganham voz e vez.

Publicado em pleno romantismo, o romance *Memórias de um sargento de milícias* (1854), de Manuel Antônio de Almeida, fugiu dos padrões estéticos vigentes no país, na metade do século XIX, ao expor personagens das camadas subalternas, embora, como bem assinalou Mário de Andrade (**In:** BOSI, 2002: 51), a obra omita elementos fundamentais da vida brasileira, como, por exemplo, o escravo negro.

Através de modelos científicos, Aluísio Azevedo, em *O cortiço* (1890), também traça um grande painel da sociedade brasileira ao apresentar tipos populares e pôr em cena, com seriedade e grande volume, trabalhadores, pobres e miseráveis, misturando brancos, negros e mulatos, num gigantesco caldeirão étnico.

Posto isto, entram em ação novos atores de uma sociedade de massas de que o século XX assumirá plena consciência e à qual conferirá papel de destaque. Assim, os adjetivos que serviram para qualificar os aristocratas e damas da corte foram aplicados, numa idealizada alteração da ordem estabelecida, aos operários e camponeses.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

O romance *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, foi escrito por volta de 1937, quando a migração interna começa a tomar vulto. Segundo Bosi (1988: 13), o ficcionista "olha atentamente para o homem explorado" e faz um "documentário" da realidade nordestina. Os "heróis" de sua obra são pessoas simples, oriundos das classes populares.

Diante disso, este trabalho tem como ponto de interesse refletir sobre a representação das classes populares em nossa literatura e também se propõe a fazer uma leitura de *Vidas secas*, de Graciliano Ramos. Portanto, pretende-se mostrar como os setores subalternos da população, a vida rústica e pobre foi sendo paulatinamente incorporada à ficção brasileira com destaque e, além disso, como o ficcionista alagoano ajudou a pintar esse gigantesco mural coletivo em que se transformou a nossa prosa.

AS CLASSES POPULARES E AS DURAS CAVALGADAS DA VIDA UMA LEITURA DE *VIDAS SECAS*, DE GRACILIANO RAMOS

A ficção brasileira espelha um país cuja temática se impõe e surge da própria vida, marcada pela natureza e pelas pessoas. Nosso cotidiano reflete-se na literatura que construímos, com a riqueza extraordinária das fontes do próprio Brasil.

Em virtude das transformações sociais e políticas, principalmente a Abolição e a República, foram definidas novas linhas em nossas obras, para onde afluíam, ávidos de sucesso, os negros e mestiços, os pobres, os quais passaram a ocupar, dentro dos quadros urbanos, sua triste sina de marginalizados. Contudo, alguns escritores, através de projetos ousados, colocam estes personagens como protagonistas do relato.

Diante disso, tal como Oswald de Andrade proclamava em seus manifestos: "ver com olhos livres", adentremo-nos no mundo da ficção, que conta a vida do homem brasileiro, com seus mistérios, na complexidade de sua aventura, de suas lágrimas e dos seus risos.

O reflexo das classes populares na ficção brasileira

Completados quinhentos anos de história, percebe-se que a ficção brasileira foi permeada por obras cujos protagonistas pertenciam à sociedade dominante. Todavia, algumas obras fugiram do estereótipo de até então, dos "lugares comuns" e introduziram um tipo local e universal de expressão a partir de um mergulho no "detalhe" brasileiro.

De acordo com Bosi (2002: 259), as classes populares enquanto sujeito do processo simbólico tem raízes antigas e românticas e data do início do século XIX. Para o autor, "a Europa pós-napoleônica foi a Europa das nações e do despertar dos povos". Assim, o termo *folklore*, literalmente "sabedoria popular", foi cunhado nos meados do século. A paixão pelo rústico e pelo ingênuo empolgou não só os intelectuais do Velho Mundo, como também, das outras nações, que se puseram à cata de "todas as manifestações simbólicas capazes de traduzir uma identidade étnica ou nacional: um caráter que fosse diverso da forma culta veiculada pelos estratos oficiais, 'altos', do poder colonizador".

No Romantismo brasileiro, marco inicial de nossa prosa de costumes, havia a busca por uma literatura de caráter nacional. Zilberman (*Apud* JOBIM, 1999: 51) expõe que o nacional "correspondia a um termo genérico, mas sua prática levava-o a valorizar o que era burguês, no modo que esse via, e idealizava, a si próprio: heróico, dominador, proprietário de um território em que sua voz prevalecia".

Naquela época, o romance dirigia-se a um público mais restrito: "eram moços e moças provindos das classes altas, e, excepcionalmente, médias; eram os profissionais liberais da corte ou dispersos pelas províncias" (BOSI, 1982: 142).

Posto isto, diante de um país historicamente marcado "não por uma identidade cultural mas pela dependência, não pela homogeneidade mas pelas divisões", cuja voz dominante é o que prevalece, só resta representar tal fato (SÜSSEKIND, 1984: 43).

Os romances de costumes embora descrevessem muitas vezes o estado subumano dos indivíduos das classes populares, os colocavam sob um prisma de comiseração e piedade, representados "mais

como alegorias do que como portadores de seu próprio significado" (KOTHE, 1985: 67).

Kothe (1985: 66) afirma que nos séculos XVII-XIX quase só se pintavam "retratos das pessoas gradas da sociedade", isto é, donos de terra, gado e gente, fazendo com que para conseguir elevar-se literariamente fosse preciso ser socialmente "superior". O autor expõe que desde o naturalismo "tem-se uma tendência à total reversão desse esquema".

No Naturalismo, as camadas subalternas da população adentram no mundo da ficção, mas são apresentadas por meio de traços distintivos, peculiares, fortemente escolhidos e marcados que caracterizam um modo de ser de todo um grupo. Candido (1993: 152) ressalta que, no Brasil, a contribuição desse estilo de época contribuiu de maneira importante pelo fato de "ter dado posição privilegiada ao meio e à raça como forças determinantes".

Dessa maneira, no século XIX, algumas obras começaram a introjetar homens e mulheres que a sociedade provinciana marginalizou. A situação de marginalidade faz destes seres, pessoas atípicas, excepcionais, surpreendentes. Mas "as vozes narrativas, quando vivas e densas, reclamam a atenção para o que é complexo, logo singular" (BOSI, 2002: 259). Assim, vários escritores tentaram conferir às suas personagens uma natureza aberta, sem limites, e a tipificação tão comum no naturalismo cede espaço para o paradoxal.

Com a evolução capitalista em nosso país, da divisão do trabalho, da diversificação da produção, do "acesso da massa ao poder político, econômico e social, e à posse da cultura", emergiu a classe média nas cidades ao lado do operariado (COUTINHO, 1980: 51). Desta forma, o herói "perfeito" e rico cedeu espaço para o herói problemático e o anti-herói.

No século XX, Graciliano Ramos, em *Vidas secas* (1938), exprime o drama vivido na pele por pessoas que cavalgam sem rumo, sem futuro definido, carregando fardos pesados. Benedetti (*A-pud* MORENO, 1979: 369) expõe que:

Quando *leitor* significava uma elite reduzida, o meio social virtualmente não exercia influência alguma na literatura; mas quando a palavra passou a significar vários milhares de ávidos consumidores, então pôde influir (no melhor sentido do termo) sobre o escritor e sua atitude.

A literatura participa agora, de maneira consciente, na vida social. Assim, nasce nas obras uma nova humanidade integrada por criaturas vindas de todas as partes, sem enraizamento na terra e com uma única característica comum: sua exploração, sua miséria.

É nesse quadro que teremos de pensar a emergência, na cena cultural brasileira, de obras baseadas na representação das classes populares que não poupam ou dissimulam o drama de sua falta de perspectivas. Nessas obras, a injustiça, a miséria e a violência são tema, cenário e protagonistas.

***A representação das classes populares em VIDAS SECAS
além dos cânones e estereótipos***

O caminho, a fuga, a vida, a morte, os pequenos sonhos e as humildes ambições são percursos trabalhados por Graciliano Ramos em *Vidas secas* (1938). Este alagoano nascido em 1892 abandona o que seria convencional e marca a sua obra com um estilo próprio capaz de desvendar a subjetividade do ser humano. Seus personagens são, de fato, "vidas secas", pessoas marcadas a ferro e fogo pelo abandono, pela pobreza, pela angústia e pela injustiça, talhadas com precisão e firmeza pelo ficcionista.

O romance *Vidas secas* é a história de uma família de retirantes, composta por Fabiano, sinhá Vitória, dois meninos e uma cadela, que vara a caatinga e é tangida pela seca e pela opressão dos que podem mandar.

Graciliano Ramos realizou, em nossa literatura moderna, o milagre de reunir, em *Vidas secas*, duas grandes vertentes de nossa cultura: o local e o universal. Esse romance apresenta a dura existência no sertão nordestino, mostrando como animais e seres humanos são igualados na tentativa de sobreviver às agruras do clima.

Através de suas personagens populares, Graciliano vai oferecendo aquele "complexo mundo posto em voga pelo Modernismo, isto é, o mundo debruçado nas surpreendentes galerias do espírito humano" (COELHO, In: BRAYNER, 1977: 60). Não interessa mais o homem inteiro, uno, visto em bloco de fora para dentro, como ofereceu o naturalismo, mas sim, o sujeito fragmentado, cheio de re-

ações e impulsos contraditórios, que o tempo todo luta na afirmação da sua própria identidade.

O romance graciliano retrata verdadeiros "quadros" da realidade do caboclo nordestino, em face do meio que o rodeia, todavia, o autor rompe a tipicidade da ficção regionalista ao mostrar a complexidade do sertanejo e do nordestino. Fabiano é descrito por meio da cor amarela da pele, do remoer incessante do sentimento de inferioridade. No entanto, o tipo social aliado à incapacidade de verbalização dos próprios pensamentos coloca-o como um ser intrincado, singular.

A sinhá Vitória é apresentada como submissa e resignada, mas também, apresenta praticidade de solução ao fazer contas e, além disso, prenuncia a seca no final do romance. Isto faz com que Fabiano conclua: "mas Sinha Vitória, largava tiradas embaraçosas. (...) Ele (...) espremendo os miolos, não diria semelhante frase" (p. 113). Assim, Graciliano Ramos não duplica folclorismos ou ingenuidades, mas busca o surpreendente e faz aflorar a contradição.

Em *Vidas secas*, é exposto o homem que nasce condenado à imposições duras da terra, vivendo sob a contínua ameaça da seca, da exploração e da injustiça social. É a pobre família do sertão, triste, embrutecida, resignada. Mas, de acordo com Bosi (2002: 259), "quem garante que o chamado homem simples seja tão simples assim?"

Através do discurso indireto livre, Graciliano Ramos adentra nos pensamentos e sentimentos das personagens que, como seres complicados, possuem "certos poços profundos, de onde pode jorrar a cada instante o desconhecido e o mistério" (CANDIDO *et alii*, 1976: 60). Assim, o romancista fornece ao leitor fiapos do pobre cotidiano dos retirantes.

O romancista leva ao máximo a contenção verbal, elaborando uma expressão reduzida à elipse, ao monossilábico, aos sintagmas mínimos, a fim de exprimir o sufocamento humano do vaqueiro e sua família confinados aos níveis mínimos de sobrevivência. Assim, o heroísmo tradicional transfere-se para as classes populares.

De acordo com Almeida (1999: 293), há uma integração quase absoluta entre "o espaço (físico e social), o homem, a ação, a linguagem, a temática e a própria articulação da narrativa". Graciliano

Ramos não coloca nada no romance com um valor puramente adjetival ou por acaso.

Diante disso, a narrativa, em *Vidas secas*, configura-se como um jogo de espelhos. A paisagem dura, agressiva e desafiadora reflete o universo dos retirantes, com seu estio desolador e sua falta de perspectivas. Quase se ouve o silêncio. Deste modo, a obra apresenta um novo valor paisagístico, definido, assim, por Octavio Paz (1969: 17): "El paisaje no aparece como fondo o escenario; es algo vivo y que assume mil formas; es un símbolo y algo más que un símbolo: um interlocutor y, en fin, el verdadero protagonista del relato".

Em várias passagens do romance, as frases aparecem sem verbo e enfileiram-se substantivos como blocos de pedra da caatinga: "Pobre de sinha Vitória, cheia de cuidados, na escuridão" (p. 35), "Rapariga da vida, certamente de porta aberta" (p. 37).

Rosenfeld (*Apud* FELDMANN, 1967) compara o estilo de Graciliano Ramos com a paisagem do sertão estorricada e caracteriza o ficcionista como "poeta da seca". De fato, podemos observar que o traço do que escreve assemelha-se às árvores da caatinga estarrecidas de revolta e desespero, suas frases curtas e justapostas apresentam-se cheias de espinhos e arestas.

Na obra romanesca graciliana, salienta-se a inexistência de nome familiar que individualize os retirantes. Apenas o vaqueiro e sua esposa possuem prenomes. Percebe-se que o nome ou a nominação tem a virtude de dar uma identidade à pessoa ou coisa. Desta forma, as personagens se constituem como seres marginalizados de uma sociedade civilizada. São seres brancos, analfabetos, que não possuem sequer a consciência de figurarem na humanidade.

As personagens se pegam a ideais e/ou objetos que servem como bússola, como uma direção, em meio às intempéries, suscitando algo mais que o meramente físico, concreto.

A sinhá Vitória sonha o tempo todo em possuir uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira. A cama é o contrário da seca, representa a estabilidade, a fixação, o repouso e simboliza a busca de uma nova forma de vida.

O "menino mais novo" coloca o pai como um modelo, um arquétipo. A indumentária de vaqueiro o fascina. Fabiano queria apropriar-se da linguagem de seu Tomás, que tipifica para ele o ideal de homem. Já o "menino mais velho" tem curiosidades intelectuais e fica frustrado, pois vive num mundo onde não há tempo nem disposição para conversas mais longas entre pais e filhos. A cadela Baleia, que em alguns momentos chega a ser, paradoxalmente, quase um ser humano, imagina a fatura de um osso com tutano, boiando em caldo grosso.

Constata-se que Graciliano Ramos preferiu "sinha" ao invés de "sinhá". Magalhães (2001: 120) expõe que nas Alagoas a palavra *sinhá* é usada para mulheres da classe dominante, esposas dos proprietários de terra e *sinha* para os pobres, casadas e dignas de respeito. Por isso, sinha Vitória.

Na obra graciliana, ocorre o paralelo entre o homem da cidade com o homem do campo. Para ir às festividades na cidade, toda a família tenta adequar a vestimenta, contudo as roupas eram curtas, apertadas, o que mostra o desajuste com os costumes urbanos: "Fabiano, apertado na roupa de brim branco (...) Sinha Vitória (...) equilibrava-se mal nos sapatos de salto enorme" (p. 71).

A incompatibilidade com a cidade se verifica também com a opressão executada pelo patrão e a injustiça praticada pelo soldado amarelo, o que faz com que Fabiano prefira viver no campo. Na festa da cidade, o personagem percebe-se subjugado e oprimido pela multidão: "No mundo, subitamente alargado, viam Fabiano e sinha Vitória muito reduzidos" (p. 74).

O romance *Vidas secas* transcende o regional ao abordar o que, de fato, pode ser chamado "humano". Os protagonistas enfrentam no dia-a-dia, o conflito sobre a natureza de sua "humanidade", pressionados que são pelas forças avassaladoras do contexto em que se inserem. É nesse sentido que a obra graciliana nos leva a refletir sobre algo que vai além das questões regionais e a avaliar os problemas que atormentam a nossa existência. O destino dos retirantes, seu modo de agir e de reagir em face das situações concretas em que se encontram inseridos, são manifestações típicas de toda a realidade brasileira.

Através da carência da linguagem entre as personagens, Graciliano Ramos retrata o isolamento e a limitação destas em relação ao mundo. Ao ser preso, Fabiano percebe o quanto a incapacidade de expressão lingüística acarreta consequências desvantajosas, já que não sabia justificar-se ou defender-se diante das autoridades, além de não conseguir compreender o mundo em que vive. Por outro lado, Tomás, cujos conhecimentos arrancavam de Fabiano admiração e respeito, era ao rebentar a seca, o mais pobre entre os pobres do sertão. Deste modo, Bosi (2002: 264) diz que "a obra inteira de Graciliano Ramos é um processo paradoxal aos poderes da letra de forma".

O futuro da família de retirantes é colocado em aberto, contendo a possibilidade de realização ou de fracasso. Nelson Coutinho (In: BRAYNER, 1977: 110) expõe que Fabiano e toda a classe que pertence, pode "fracassar em sua busca de realização humana, tendo as suas (ainda confusas) esperanças convertidas em trágicas ilusões (como tem sido o caso até os nossos dias); entretanto, há a possibilidade concreta de que isto não ocorra". Esta possibilidade é suficiente para permitir a Graciliano esboçar uma perspectiva otimista em seu romance, sem com isto sair dos amplos limites do verdadeiro realismo.

Fabiano não realiza nenhuma das alternativas extremas contidas em sua classe como, por exemplo, a revolta consciente, a adesão ao cangaço, ao beatismo, etc. mas, apesar disso, não perde a sua singularidade, a sua individualidade. Desta forma, livra-se dos pensamentos de vingança e revolta e foge para o reino da fantasia, onde vislumbra um futuro sorridente. O vaqueiro e sua esposa se deixam acalantar pelas mais doces esperanças.

Em nossa ficção, várias obras exaltaram a figura do índio e do sertanejo. Contudo, estes personagens, em sua maioria, foram alçados aos ideais cavaleirescos do Romantismo medievalista europeu. Homens perfeitos e essencialmente puros.

Em Alencar, o sertanejo altivo não sofria "das misérias que nos descrevem *A fome*, de Rodolfo Teófilo, e *Luzia-homem*, de Domingos Olímpio" e nem da seca e exploração dos retirantes em *Vidas secas* (BOSI, 1982: 192). Convém não esquecer, portanto, que entre estes romances desdobra-se uma trajetória ficcional, durante a qual

gradativamente foi-se alterando a imagem do sertanejo, atendendo modificações da cultura brasileira.

O ficcionista alagoano, além das variações de estilo e técnica narrativa, apresentou mudanças nas concepções de mundo e de homem. O que importa ao romance não é mais a descrição de costumes ou estado da alma e, sim, a sua imersão na vida, assumindo a condição humana. Ao invés de exaltar os retirantes, o romancista retrata-os com o máximo de realismo, nas condições hostis em que vivem. O escritor coloca as classes populares como protagonistas em *Vidas secas*.

Diante disso, Graciliano derruba academicismos, ao mesmo tempo em que constrói um novo sentido para a obra literária. Ele expõe o caráter documental de uma realidade remota, convidando o leitor para refletir sobre o sentido da vida e sobre o universo de pessoas simples, que vivem à margem da sociedade. Mas, que não haja ilusão: o "sertão" também é aqui e o seu destino tem tudo a ver com o nosso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso da nossa literatura mostra uma tendência no sentido de inverter a posição clássica antiga de só admitir, como protagonista, os de extração social alta. Assim, constatamos que devido ao processo de industrialização e da decorrente divisão do trabalho começam a se destacar alguns personagens das classes populares.

Percebemos ao longo da nossa literatura que cada grande movimento literário criou a figura de um "herói". Em muitas obras, este herói caracterizou-se por um tipo atlético e forte, sadio e vigoroso. Com o passar do tempo, esses personagens chocavam-se com a realidade brasileira. Assim, a partir do século XIX, principalmente, os setores subalternos foram alçados à categoria de protagonista. Uma obra precursora foi *Memórias de um sargento de milícias* que colocou literariamente em cena os setores intermediários até então ignorados não só pela literatura mas também pela organização social do país.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

As classes populares figuravam nas páginas literárias como um aspecto secundário, sob o filtro moralizante e compensatório de uma pobreza digna e feliz.

Graciliano Ramos, em *Vidas secas*, apresentou um universo de pessoas modestas e "anônimas". Ao invés de contentar-se com o estudo do homem, o romancista o relaciona à paisagem do sertão.

O ficcionista alagoano faz uma fusão do homem e mundo animal, mostrando o universo de personagens simples, que ninguém sabe o nome, a origem, pessoas sem vocação para herói. Assim, através de uma linguagem dura e da paisagem como além de um simples pano de fundo, Graciliano Ramos, com realismo, enfatiza seres explorados e marcados pelas condições hostis e desumanas da seca. O autor aproveita o potencial dramático da precariedade extrema em que vivem os sertanejos desvalidos e os dignifica no campo estético.

Diante disso, o presente trabalho não pretendeu esgotar o assunto e, sim, refletir sobre a representação das classes populares num mundo em que ser excluído é ser invisível. Desta forma, compreendemos a narrativa como busca auspiciosa pela vida diante do contexto explorador em que vivemos. Vários escritores, entre eles, "o poeta da seca" – Graciliano Ramos –, conseguiram penetrar nas condições precárias das classes subalternas e impulsionar questionamentos, tornando a obra uma fértil criação literária. Nada que o leitor não tenha visto, vivido, sentido ou carregado nas costas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

BENEDETTI, Mario. "Temas e problemas". In: MORENO, César Fernández (coord.). *América Latina em sua literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

BOSI, Alfredo. *Céu, inferno*. São Paulo: Ática, 1988.

———. *História concisa da literatura brasileira*. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1982.

———. *Literatura e resistência*. São Paulo: Cia. da Letras, 2002.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

- BRAYNER, Sônia (org.). *Graciliano*. Brasília: INL, 1977.
- CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.
- . *et alii. A personagem de ficção*. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- FELDMANN, Helmut. *Graciliano Ramos: reflexos de sua personalidade na obra*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967.
- KOTLE, Flávio René. *O herói*. 1ª ed. São Paulo: Ática, 1985. (Série Princípios).
- MAGALHÃES, Belmira. *Vidas secas: Os desejos de Sinha Vitória*. Curitiba: HD Livros, 2001.
- PAZ, Octavio. *Corriente alterna*. 3ª ed. México: Siglo XXI, 1969.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 52ª ed. São Paulo: Record, 1984.
- SÜSSEKIND, Flora. "Uma ideologia estética: o naturalismo". **In:** *Tal Brasil, qual romance?* – uma ideologia estética e sua história: o naturalismo. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- ZILBERMAN, Regina. "História da literatura e identidade nacional". **In:** JOBIM, José Luís (org.). *Literatura e identidades*. Rio de Janeiro: J. L. J. S. Fonseca, 1999.